

ANTOLOGIA

(Seleção e tradução de Cláudio Revel)

A minha música é uma revelação mais alta que toda a sabedoria e que toda a filosofia. Aquê-
le que chegue a compreender o
sentido da minha música ver-
eá-lhe livre dos sofrimentos que
pungem os outros mortais.

BEETHOVEN

Assim como a escultura foi uma condição da optimista civilização greco-romana e a pintura uma condição da pessimista Idade Média, também a música é uma condição da nova civilização que se inicia: o racionalismo. De maneira que não foi uma simples expressão de sentimentalismo retórico, mas uma profunda verdade, a famosa frase de Nietzsche: «Sem a música a vida seria insuportável». E' certo que sem ela puderam existir outras civilizações antigas; mas para a nossa a música é uma condição sine qua non.

A música é a mais recente de todas as artes; culminou em princípios do século XIX com Beethoven, «o supremo medianeiro entre os homens e o céu, criando uma nova linguagem para falar a Divindades». Assim Emil Ludwig soube sintetizar maravilhosamente o mais conspicuo representante daquela forma artística que mais directamente conduz à redenção humana e que melhor expressa o conceito da civilização futura: «Pelo menos, no que se refere ao mundo artístico—observa Wagner—a nossa civilização não pode ser reanimada senão com a música que Beethoven libertou das cadeias da antiga escola».

Ao invés das outras artes, a música não expressa a ideia contida no fenómeno; ela própria em si é uma ideia do mundo. Por isso não só é a mais sublime das artes mas também a mais universal de todas. E' mais mística, mística e imponente que a arquitectura; expressa melhor a dor e o sentimento que a pintura; eleva-nos a uma altura a que nunca chegou a elevar-nos a escultura; produz mais comção, tem mais graça e é mais profunda que a poesia. Fala em todos os idiomas, e, por ser mais flexível e expressiva que a literatura, utilizou-a Beethoven para relatar-nos os dramas, triunfos, paixões, poemas, diálogos e factos históricos com mais exactidão e eloquência do que o pudera expressar a pena dum hábil estilista. Essa música conduz os homens às mais fundas profundidades da filosofia; como que nos leva à compreensão do destino... Por isso é «uma revelação mais alta que toda a filosofia», destinada a redimir a humanidade. Quando com a sua surdez ficou Beethoven afastado do mundo, os seus sentimentos, convertidos em música, revelaram-se com mais precisão que nunca, podendo alcançar maior clareza que os de nenhum outro mortal.

Segundo Schopenhauer, a música encerra em si todas as outras artes juntas, por ser a que mais directamente vai ao espirito; de modo que, ouvindo música, a imaginação descansa; não é obrigada a fazer esforço. Ao invés do que se passa com as outras artes, com a música o nosso espirito recebe a mensagem do génio directamente, e como a dita arte evoca ao mesmo tempo o presente, o passado e o futuro, abrange assim a quarta dimensão: o tempo. Libertando-nos do presente, isto é, da

nossa imaginária escravidão, a música induz-nos à liberdade.

Não há arte complexa e profunda, ante a pena do crítico, como a música, e, segundo dissemos, isso é devido a esta abarcar a história da civilização, incluindo o futuro. Os críticos distinguem duas classes de música: a que fala aos sentidos e a que fala à alma. Ou como dizem alguns: a música clássica e a romântica. Essa classificação, tão arbitrária, serve apenas para aumentar a confusão que existe entre os críticos musicais. De acordo com o princípio ternário da natureza humana: os sentidos, os sentimentos e o intelecto, e que representam, tanto na filosofia como na escala biológica, respectivamente, o presente, o passado e o futuro, prefiro dividir a música nos três estilos seguintes:

O primeiro estilo musical é o decorativo; o seu principal distintivo é o ritmo; é caracterizado pela graça; fala mais aos sentidos; entusiasma-nos e, convidando-nos a bailar (ainda que por vezes mentalmente), põe-nos em relação imediata com o presente.

O segundo estilo musical é o sentimental, comocional ou romântico; o seu principal distintivo é a melodia; é caracterizado pela dor; fala mais aos sentimentos e, evocando o passado, causa-nos tristeza.

O terceiro estilo musical é o intelectual, místico ou contemplativo; o seu principal distintivo é a harmonia; é caracterizado pela equanimidade; fala mais à imaginação, ao pensamento e, evocando o futuro, liberta-nos do presente e do passado, dando-nos assim uma prova da nossa redenção futura, ou seja de que somos eternos.

Talvez não compreendam bem este último os que não aprofundaram bastante a filosofia panteísta de Spinoza e a música de Beethoven (uma é o complemento da outra); mas por agora adiantaremos que o primeiro estilo, ou seja o rítmico, é o que nos alegra, entusiasma e põe em relação imediata com o presente, sendo o que mais influe nos sentidos, o que actua sobre as funções fisiológicas. O segundo estilo, o melódico, é o que nos entristece, o que lembra o passado e o que mais influe nos sentimentos, o que actua sobre as funções morais. O terceiro estilo, o harmónico, o que nos leva com a imaginação ao futuro, libertando-nos da alegria e da tristeza, conduz-nos à beatitude ou à equanimidade. E' o estilo que mais influe no pensamento, o que actua sobre as funções intelectuais e que, aperfeiçoando-nos o intelecto, nos conduzirá à compreensão do destino. Um modelo do primeiro estilo, isto é, do rítmico, temo-lo na música de Tchaikovski, que foi um dos que levaram o referido estilo à sua maior expressão e que mais exclusivamente o cultivaram. O Cascanuez, que foi a obra que iniciou a sua fama, é pura música de baile (Baller musik), e, em geral, assim é toda a sua música, incluindo a Quinta Sinfonia que tem em vez de Scherzo uma valsa. A Sinfonia Patética (6.ª), não obstante um final, no qual muito bem faz uso do terceiro estilo, e da conhecida melodia do primeiro andamento, é quase toda música de baile, isto é, primeiro

estilo. O mesmo podemos dizer da sua Sinfonia Característica (4.ª), que é quase toda música de baile. Foi Tchaikovski pouco feliz sempre que tratou de empregar o segundo estilo, o sentimental, nas suas sinfonias. Temos um exemplo disso na citada Sinfonia Patética. Ali, o compositor russo, ficou muito longe de atingir a sublimidade dum Brahms ou a do seu modelo Schumann, ou ainda a do seu mestre Rubinstein. Mas, como dissemos, no primeiro estilo, ou seja no rítmico, ballável, Tchaikovski impera: foi esse o seu elemento. O referido primeiro estilo, ou seja o rítmico, é o que

terceiro estilo, que era o que cultivava. Wagner é portanto o melhor exemplo que podemos dar como cultor do terceiro estilo musical. Não obstante, de certo modo, todos os compositores cultivaram os três estilos ao mesmo tempo, ritmo, melodia e harmonia, e, portanto, os três estilos musicais não podem ser separados em absoluto.

Antes sucede que, de acordo com o temperamento de cada um, os diversos compositores empregam geralmente um daqueles três estilos, de preferência aos outros dois. A Tchaikovski, por exemplo, classifico-o como compositor

os três estilos musicais

mais distingue todos os compositores modernos, especialmente os russos. Ainda que me arrisque a escandalizar os críticos musicais apegados à tradição, acrescentarei que, em Itália, o principal expoente do mesmo estilo foi Rossini; e com isso quero significar que os italianos quasi não cultivam o estilo em questão que, em França, teve os seus principais expoentes em Biset e Saint-Saens.

Os iniciadores do primeiro estilo foram Haydn e Mozart. Entre os seus principais cultores mencionaremos também Rimski-Korsakov, Borodine, Ivanoff, etc.

Devo fazer constar que, ao tratar no presente trabalho do segundo estilo, ou seja do melódico, do sentimental, não me refiro ao bel canto, isto é, a esse estilo simples em que se distinguiram principalmente Verdi, Bellini, Donizetti, etc. O bel canto é indubitavelmente melódico; mas recorde-se que toda a música é de certo modo melodia, assim como o jazz, ou seja o som a que balam os americanos e os que o não são, é rítmico; mas nem o grosseiro ritmo do jazz nem a melodia insulsa do bel canto podem entrar para nada em uma critica que, como a presente, tende a investigar o sentido profundamente filosófico da música.

Assim, quem nos dá um exemplo do segundo estilo musical, isto é, do romântico ou sentimental, é Chopin, pois foi ele quem mais exclusivamente o cultivou. Românticos foram também Schubert, Schumann, Mendelssohn, Liszt, Rubinstein, Wieniawski, Brahms e Weber, que podem ser considerados representantes deste estilo. Em Itália os seus principais cultores foram Leoncavallo, Puccini e Mascagni e em França Massenet e Gounod. Mas, como dissemos, o que melhor nos servirá de modelo, como cultor do dito estilo, é Chopin.

Um exemplo do terceiro estilo musical, ou seja do intelectual místico, temo-lo no Parsifal e em Tristan e Isolde, pois foi Wagner o que mais se dedicou a este estilo, e a quem, por tal motivo, devemos considerar representante do misticismo musical, ou seja do terceiro estilo. Dissemos que os três referidos estilos musicais representam, respectivamente, o presente, o passado e o futuro. Recordemos que quando Wagner, falava da «música do futuro», erradamente interpretado pelos seus críticos, estes supunham ou faziam supor que o compositor se referia à sua música particular. A verdade é que aquilo a que se referia era ao estilo, isto é, ao

do primeiro estilo; mas isso não quer dizer que a sua música não continha vestígios dos outros dois estilos. O mesmo poderíamos dizer de Chopin a respeito do segundo estilo e de Wagner a respeito do terceiro.

Sem embargo, houve um compositor que se distinguiu, não só por haver culminado nos três citados estilos musicais, mas também por ter sabido combiná-los entre si tão admiravelmente que as suas obras aumentam dia a dia de importância. Esse compositor é Beethoven, cuja música que representa o presente, o passado e o futuro da humanidade, porá o homem em condições de compreender o destino e, portanto, de entrar na eternidade...

E' no seu estilo musical que melhor se manifesta Beethoven como um dos maiores apóstolos do panteísmo. Para Pitágoras, homem perfeito era aquele que tinha equitativamente desenvolvidos os três princípios espirituais: sentidos, sentimento e intelecto, e que correspondem à saúde física, à bondade e à sabedoria. Do mesmo modo, a música mais perfeita é a que saiba promover ou favorecer com igual intensidade aqueles três princípios da natureza humana; e essa circunstância é precisamente o que mais distingue a música de Beethoven. Do seu primeiro trio ao último quarteto este compositor cultivou por igual os três referidos estilos, ainda que em cada andamento algum dos três prevalecesse sobre os outros dois.

Na sonata a que deram em chamar Luar (op. 27), no primeiro andamento predomina o segundo estilo (romântico), ao passo que no segundo andamento predomina o primeiro estilo (rítmico) e no terceiro andamento o terceiro estilo (intelectual). Na Sonata Patética (op. 13) todos os três andamentos são dominados pelo primeiro estilo, não obstante o segundo andamento ser romântico. O terceiro andamento é um dos mais felizes exemplos que o compositor deu do primeiro estilo.

A Sonata com variações, da marcha fúnebre (op. 26) tem no primeiro andamento um tema completamente intelectual ou seja terceiro estilo. O terceiro andamento é a comocionante marcha fúnebre em que os três estilos se manifestam em combinação admirável. A Sonata apaixonada (op. 67) tem a particularidade de, em cada um dos três andamentos, estarem equitativamente representados os três estilos. E' a sonata que Beethoven considerava a mais perfeita de todas e, inquestionavelmente, é a incomparável

beleza. Mas uma das mais esplêndidas sonatas é a Sonata em ré menor (op. 31 n.º 2). O primeiro andamento é completamente intelectual, assim como o segundo, não obstante este último ser muito comocionante. O terceiro andamento é uma espécie de prelúdio em que um jogo de quatro notas passa por todos os tons. Não obstante o ritmo que o caracteriza é completamente intelectual.

Os primeiros quartetos de Beethoven foram no estilo de Haydn, isto é, rítmicos, primeiro estilo. Um dos seus mais notáveis quartetos é o chamado Quarteto das

do é questão de gosto. Ao clássico Lesueur é lógico que lhe agradasse mais a Primeira Sinfonia (primeiro estilo), como ao romântico Schubert, a Segunda Sinfonia (segundo estilo) e ao místico Wagner a Nona Sinfonia (terceiro estilo). Mas é precisamente a habilidade de Beethoven em combinar convenientemente esses três estilos, em todas as suas composições, que mais contribuiu para a superioridade da sua música, pois, como já temos dito, o objectivo da arte é interpretar a evolução nos seus três aspectos: físico, moral e intelectual. Estes três aspectos estão representados no primeiro estilo musical, no segundo e no terceiro e correspondem ao presente, ao passado e ao futuro. Assim, a música resolve o problema da quarta dimensão, o tempo, ensinando-nos a compreender o destino e iniciando-nos na eternidade...

Vários críticos empenharam-se em apresentar os três estilos de Beethoven—como sucede com os três estilos pictóricos de Rubens e de Rafael—em escala ascendente, querendo significar com isso que o primeiro estilo era o menos belo e o último o mais belo de todos, sendo Wagner o primeiro a proclamá-lo assim. Sem embargo, esse empenho é arbitrário pois, como dissemos, tudo é questão de gosto, ainda que o próprio Beethoven, implicitamente, tivesse parte nesse empenho, falando depreciativamente de Adelaide, do Speteto e das Variações para piano (op. 34), por julgar que toda essa música era apenas bagatela, ensaio da juventude.

Que o predomínio de cada um dos três estilos musicais, em cada uma das suas composições, variava com a idade do compositor é coisa que não admite discussão. O primeiro estilo: Primeira Sinfonia (op. 21), o Septeto (op. 20), a Sonata Patética (op. 13) e os primeiros trios e quartetos representam a juventude do músico. O segundo estilo: Segunda Sinfonia (op. 36) e as aberturas de Coriolano (op. 62) e de Egmont (op. 84) representam o outono, enquanto a madurez da sua vida está representada pela Missa Solemnis (op. 123), pela Sinfonia Coral (op. 135), e pelos cinco Quartetos Gigantes (op. 127, 130, 131, 132 e 135). De modo que no começo da sua carreira o estilo que mais cultivou foi o primeiro, depois o segundo, e por fim o terceiro.

Mas o que sustentamos é que esses três estilos estiveram sempre combinados em todas as suas composições e que julgar um superior ao outro é uma arbitrariedade. O final do quarteto op. 130, que foi realmente o último que Beethoven compôs na sua vida, é rítmico, ou seja primeiro estilo. Também o é o final da Sonata Patética (op. 13). Nenhum desses finais vai perder por isso o seu mérito. A citada Sonata será sempre o que é, e o Septeto, apesar de tudo, é uma das melhores obras musicais compostas por Beethoven.

E' bem sabido que a música,

ge com uma mão a natureza e com a outra o homem... O seu grande coração abraçava toda a humanidade; com admirável intuição penetrava intelectualmente através de todas as falsidades até chegar à verdade, e já na sua obra artística bosquejava as aspirações religiosas, humanas e democráticas, o amor, a camaradagem, os caracteres e todos os sentimentos elevados e profundos que pressagiam os alvares duma nova sociedade. Foi um verdadeiro homem e deu também origem a um novo tipo de homens. Quão tremenda deve ter sido a luta que sustentou en-

por CARLOS BRANDT

ainda que não se haja descoberto o motivo, tem valor terapêutico. Referem que Pitágoras, curava afeições físicas por meio da música e, de então até hoje, médicos eminentes chamam de vez em quando a atenção para alguma cura efectuada pela música. Classificados os diversos estilos musicais da forma por que acabo de o fazer, creio que se abre um novo campo à ciência investigando o efeito que o primeiro estilo musical, isto é, o que fala aos sentidos, o que representa o presente, possa exercer nas pessoas enfermas. Quanto ao segundo estilo musical, o sentimental, o que fala ao passado, sei por experiência própria que exerce grande influência no moral. Recordo-me de que, uma vez, tendo sido vítima da perfidia de certo companheiro, ao regressar a casa, molestando, parei a ouvir uma sinfonia de Beethoven que estava a ser tocada; daí a três minutos o meu espirito tinha perdoado ao pérfido e, alguns minutos mais tarde, já o meu intelecto tinha compreendido a causa fatal e inevitável da perfidia. Não é isto compreender o destino? Pouco entende de música beethoveniana quem não se inteire de que esta nos purifica o espirito e aperfeiçoa o entendimento, conduzindo-nos assim directamente à sabedoria. Romain Rolland, na sua famosa obra, sobre Beethoven, chama a atenção para o facto de a sua música favorecer a virtude, o que implica ser de grande importância como factor do progresso intelectual e moral da humanidade. Aquela obra traz um magnifico prólogo de E. Carpenter, do qual recorto o parágrafo que vai a seguir pois condiz de certo modo com a minha tese acerca da importância da música do grande compositor. «Beethoven é o profeta duma nova era que se inicia no século XIX... Do mesmo modo que as coisas se pressentem antes de se manifestarem, também é possível expressá-las nas indefinidas formas comocionais da música, antes de se poderem manifestar ou imaginar com suficiente clareza para poder ser representadas pela palavra ou pela tela. Beethoven foi o precursor de Shelley e de Whitman entre os poetas e de J. M. Turner e de F. Millet entre os pintores. E' o grande poeta que cin-

Imaginal um pintor completamente cego, pintando quadros magníficos de paisagens que não vê e empregando cores que não vê tampouco, mas que nem por isso deixa de combinar com artística habilidade, para aplicar as cores exactas e produzir os maiores efeitos pictóricos. Pois bem, esse pintor é Beethoven compondo. As suas maiores obras compõem-se quando tinha perdido por completo a faculdade auditiva, o que se explica pela circunstância de o maestro compor unicamente por intuição... Não se tornou a ver no mundo exemplo semelhante. Objectar-se-á que, apesar de estar surdo, o maestro podia recordar, de quando o não era, o efeito que produziam as diversas combinações: os acordes. Ainda que o suponhamos. E as dissonâncias? Conheci-as todas? Como podia este surdo combinar com precisão as mais ínfimas minudências musicais até produzir os mais sublimes acordes? Além disso, recorde-se que até para os que ouvem bem, até para muitos músicos, grande parte das composições de Beethoven foram consideradas dissonantes, extravagantes, e foi só cem anos depois da sua morte que se veio a admitir em geral que é uma maravilha o que antes se julgava ser dissonância. Não quer dizer tudo isto que

(Continua na página imediata)